

Veja

6/7/1983

Imprensa

O triunfo da clareza

Ao demonstrar que é possível falar de economia com simplicidade, Joelmir Beting tornou-se o colunista mais lido, visto e ouvido do país

Um ouvinte do interior está ao telefone com uma pergunta endereçada ao jornalista Joelmir Beting: quer saber onde aplicar seu dinheiro para, naturalmente, multiplicá-lo. No corredor, um pai aflito pergunta se Beting não teria um tempinho de sobra para redigir uma redação escolar — é que o filho fora contemplado com um tema econômico e não sabia como fazer. Minutos depois, aparece um agricultor com um invento destinado a revolucionar a lavoura e, portanto, a ajudar a tirar o Brasil do buraco financeiro. Beting não poderia ajudá-lo a levar o invento para alguma linha de produção?

Esse pátio de milagres econômico, que se vai integrando ao folclore do prédio da rádio e TV Bandeirantes, no bairro paulistano do Morumbi, esbarra no risonho bloqueio de Lucila, há dezenove anos casada com o alvo desses pedidos e perguntas. "O Joelmir está trabalhando", repete Lucila, que despacha como pode os interlocutores. Ela está dizendo a verdade. Transformado no único jornalista brasileiro que tem, simultaneamente, colunas fixas em jornal, rádio e televisão, todas elas dedicadas exclusivamente à economia, Joelmir José Beting, paulista de Tambaú, mantém aos 46 anos de idade um ritmo admirável — ele trabalha, em média, 15 horas por dia.

De manhã, depois de caminhar 7 quilômetros em passo acelerado, ele está na Bandeirantes para espalhar sua voz grave por uma cadeia de emissoras de rádio. À tarde, perto da piscina do bonito sobrado onde mora com a mulher e dois filhos nas cercanias do Jockey Club, escreve uma coluna que será distribuída por jornais de todo o país. À noite, está de volta à Bandeirantes, carregando na cabeça os comentários que fará em dois telejornais. Ao voltar para casa, sempre acompanhado por Lucila, secretária e arquivista em tempo integral da "cadeia Beting", o mais famoso colunista econômico do Brasil terá sido visto, ouvido ou lido por 20 milhões de brasileiros (veja o gráfico). Nenhum outro jornalista do país tem um público maior.

Da mesma forma, nenhum outro colunista brasileiro ganha tanto quanto Beting — cerca de 8 milhões de cruzeiros por mês. Ele recebe do jornal Folha de S. Paulo, a nau capitânia de sua coluna diária de economia, metade das quantias arrecadadas com sua venda para outros órgãos de imprensa. Para publicá-la, jornais de todo o país pagam entre cinco e vinte salários mínimos por mês. No ano passado, Beting assinou com a Bandeirantes um contrato até 1985, que só poderá ser rescindido se uma das partes pagar uma multa fixada em 15 000 ORTN, ou quase 70 milhões de cruzeiros, pelos valores da semana passada. "Inventei a lei do passe no jornalismo", brinca.

BÓIA-FRIA EM TAMBAÚ — Para ouvi-lo em circuito fechado, empresários e executivos têm de pagar: Beting cobra o equivalente a 1 000 dólares por conferência. "Para associações de estudantes ou sindicatos, falo de graça", ressalva. Descoberto o mapa da mina das conferências, e aperfeiçoados seus contratos de trabalho com jornais e emissoras de rádio e televisão, a renda mensal de Beting começou a acusar animadores saltos. Ele se considera "um campeão da distribuição da renda". Afinal, lembra, "de janeiro a junho trabalho para o Brasil, pois metade de tudo o que eu ganho fica com o fisco. Só depois é que começa a entrar dinheiro no meu bolso".

Desembaraçado no trato de temas econômicos, esse descendente de imigrantes alemães da região da Westphalia, que ainda menino trabalhava como bóia-fria na lavoura de Tambaú, parece constrangido ao falar da própria prosperidade. "Ele merecia ganhar até mais", diz o ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen, "pois realiza um trabalho de excelente nível ao explicar a economia com clareza." A verdade é que Beting vive dos frutos do seu próprio talento. E, para subir na vida, fez subir sobretudo o grau de compreensibilidade do jornalismo econômico brasileiro. Segundo o colunista do Jornal do Brasil Zózimo Barrozo do Amaral, 42 anos e quase vinte de jornalismo, "a gente lê nos seus artigos aquilo que gostaria de dizer, e da maneira que gostaria de dizer". O colunista Ibrahim Sued, 57 anos, trinta de jornalismo, também gosta do trabalho de Beting mas faz duas ressalvas: "Ele é um pouco prolixo", diz, "e o jornalista mais lido do Brasil sou eu". De qualquer forma, também Ibrahim pondera que "o Joelmir escreve claro".

CARTAS FEMININAS — A coluna de Beting, de fato, é uma prova definitiva de que é possível tratar de economia de modo inteligível (veja o quadro). Mas é também uma prova de que, freqüentemente, a inspiração caminha junto com a transpiração. "Sofro muito para escrever 100 linhas por dia", conta Beting. "Escrevo, rasgo, escrevo, risco, reescrevo. É uma luta." Essas batalhas consomem quase 5 horas de seu dia e terminam com o som da buzina do carro da Folha de S. Paulo que passa para buscar a coluna. Então, depois de um ligeiro descanso, o bloqueio telefônico comandado por Lucila é levantado e, em conversas com fontes da área econômica, Beting começa a preparar o que dirá à noite nos telejornais. É um trabalho bem menos penoso, embora ele não goste de falar ao telefone. "Hoje, não preciso correr atrás das notícias", informa. "Muita gente me liga para passar as novidades." Novidades, por sinal, nem aparecem com tanta freqüência nas colunas de Beting — ele não ganhou fama por dar notícias em primeira mão e, sim, por comentar com clareza os assuntos do momento. Muita gente liga também para elogiar seus comentários, e alguns telefonam para desancá-los. Um bom termômetro da popularidade de Beting está nas quase 1 000 cartas que lhe chegam por mês, remetidas de todo o país. Ultimamente, tem aumentado o volume de cartas subscritas por mulheres dando conta de que, graças a Beting, a economia já não lhes parece um mundo impenetrável.

Beting entrou nesse mundo por caminhos bem menos transparentes que a linguagem que o tornou conhecido. Jornalista precoce e locutor mirim de rádio em Tambaú, ele fazia a cobertura dos milagres do padre Donizetti Tavares de Lima, que morreria com fama de santo após ter-se tornado uma celebridade no interior de São Paulo na década de 50. O padre Donizetti curou-lhe a gagueira e aconselhou-o a estudar Sociologia e trabalhar como jornalista em São Paulo. Na capital, o jovem migrante de sotaque acaipirado teve de trabalhar como professor primário para ganhar a vida, mas seguiu o conselho do padre — enquanto estudava Sociologia, circulava por redações e emissoras de rádio como jornalista polivalente. Ao concluir o curso, escreveu uma tese sobre o tema "Adaptação da mão-de-obra nordestina na indústria automobilística". Parecia o fim de uma curta carreira de sociólogo. Seria o começo de uma longa carreira de jornalista econômico.

PEQUENAS IRONIAS — A tese recebeu nota 10, circulou nos meios empresariais e valeu a Beting um emprego como redator da Sudene. Mas logo vieram o casamento, dois filhos — Gianfranco e Mauro Alexandre, hoje com 19 e 17 anos — e ele voltou a procurar trabalho extra. "Um dia, alguém me avisou que a Folha precisava de um colunista de automóveis", recorda. "Mas não para falar de Interlagos e, sim, de São Bernardo." Obtido o emprego, Beting não tardou a utilizar nos seus textos imagens leves e coloridas que assimilara como redator de páginas esportivas. Assim, em momentos de complicações econômicas, já não havia "uma situação crítica". O que havia "era confusão na pequena área".

Hoje, os comentários de Beting são uma sucessão de comparações bem-humoradas — que, na televisão, contrastam com o semblante sério e voz sempre grave. Com seu ar de professor

rigoroso, Beting não é um tipo exatamente estimulante pelos padrões do vídeo, mas prende a atenção dos espectadores. E, se o tom de voz costuma trair as pequenas ironias, Beting nunca sorri no vídeo. "Nem é preciso", observa Zózimo Barrozo do Amaral. "O texto do Joelmir ri por si mesmo." Leitor cativo da coluna, Mário Henrique Simonsen também louva essa virtude: "Ele consegue transformar assuntos aparentemente áridos e complexos em coisas simples", diz o ex-ministro.

BOM CANDIDATO — É natural que não lhe faltem platéias. "Já falei para auditórios de 3 000 metalúrgicos e até de 6 000 estudantes", conta Beting. Ele também foi paraninfo ou patrono de quase trinta festas de formatura de universitários, nem sempre saídos de cursos de Economia. Não estaria aí um bom candidato? "Nas últimas eleições, muitos políticos que são meus conhecidos insistiram para que eu me candidatassem a deputado", revela, com ar divertido. "Mas jamais faria isso. Não sou vinculado a nenhum partido, nem a qualquer grupo."

Colunista econômico em tempo integral, ainda assim Beting consegue preservar velhos hábitos. Ele vai menos ao cinema, é verdade, hoje, e só lê livros de economia. Mas almoça sempre em casa, com a mulher e os filhos, e rega as entrevistas noturnas que concede com vinho branco alemão, ou tinto francês, de sua adega. Aos domingos, organiza churrascos no jardim ao lado da piscina para um círculo de parentes que mora nas imediações do Jockey Club. Alguns habitam imóveis que Beting, decididamente longe dos tempos bicudos de recém-chegado a São Paulo, vai comprando com o que ganha. É um sinal do apego de Beting à família. Mas é certamente um indício de que, ao menos por enquanto, investir em imóveis é um bom negócio.

A cadeia Beting

TV: 27 emissoras — 14 milhões de telespectadores

Rádio: 55 emissoras — 5 milhões de ouvintes

Jornais: 22 — 1 milhão exemplares/dia

(Páginas 92 e 93)